

# Dahomeyans: espetáculo e ciência na Exposição Universal de Chicago (1893)

Dahomeyans: the show of science in the Chicago Columbian Exposition (1893)

SANDRA SOFIA MACHADO KOUTSOUKOS

Pós-doutoranda pelo Instituto de Artes-Unicamp e bolsista Fapesp

E-mail: sandrakoutsoukos@hotmail.com

## **RESUMO**

Este artigo apresenta um grupo exibido como entretenimento, curiosidade e objeto de estudo científico durante a Exposição Universal de Chicago de 1893: os negros Dahomeyans. Naquele momento, classificados como fazendo parte do início da *escala evolutiva* humana, os Dahomeyans foram exibidos junto a outros povos negros, a índios e a pessoas com características consideradas “bizarras” (*freaks*). Tais exposições, a princípio, vinham supostamente cumprir a função de informar e suscitar o respeito por aquele “outro”, mas terminavam por incutir mais sentimentos de superioridade no branco de ascendência européia, ajudando a reafirmar teorias racistas então em voga e, assim sendo, “justificando” e “desculpando” o crescente imperialismo.

**Palavras-chave:** Exposição Universal de Chicago, 1893; Dahomeyans; Exibições etnográficas.

## **ABSTRACT**

This article deals with the exhibition of Dahomeyans for the entertainment, curiosity and study of the public attending the Chicago Columbian Exposition of 1893. At that time Dahomeyans were thought to represent the beginning of the evolution of humankind. They were exhibited side by side with other African peoples, native Americans and several persons considered ‘freaks’. These shows intended to convey information and provoke respect for other peoples; however, they ended up strengthening the alleged superiority that whites of European descent felt vis-à-vis other cultures. As it turned out, the exhibits helped to forward racist ideologies and provide a justification for imperialist policies.

**Keywords:** Chicago Columbian Exposition, 1893; Dahomeyans; Ethnographic exhibitions.

1 – Este artigo é uma versão um pouco estendida do artigo apresentado na ANPUH de Fortaleza em julho de 2009.

As exposições do que era classificado na chave do “exótico”, ou mesmo “bizarro”, haviam tomado vulto desde fins do século XVIII, principalmente em coleções particulares e em circos. [1] Nas grandes exposições universais, que passaram a ser organizadas a partir de 1851 (quando se deu a primeira, em Londres), eram exibidos os ícones do progresso e civilização de cada país participante, sua indústria, tecnologia, ciências, artes e cultura, ao lado de “zôos humanos” (BANCEL, BLANCHARD, BOËTSCH, 2004); ou seja, a exibição ao vivo de culturas e pessoas consideradas “bizarras”, “exóticas” e/ou “primitivas”, a título de exemplo: defeituosos de nascença, anões, pessoas com hirsutismo, pigmeus, aborígenes africanos e australianos, pessoas de tribos que supostamente ainda praticavam a antropofagia como ritual de dominação de outras tribos, tribos que possuíam outros hábitos culinários chamados “exóticos”, tribos e culturas de diferentes lugares etc. Era tênue a fronteira entre o que era considerado *exato* (científico) e *exótico* (curioso); assim como era tênue a fronteira entre o que era considerado *exótico* e *bizarro* (grotesco). O que se fazia era selecionar, colecionar, exhibir, analisar, medir, classificar, retratar, descrever, controlar e arquivar os “outros” e a sua imagem. O pesquisador Raymond Corbey ressaltou:

As pessoas exibidas tinham que ficar em um espaço precisamente delimitado na exposição, o qual representava o seu mundo. A linha que separava esse mundo do mundo das pessoas que as visitavam e inspecionavam, que separava primitivismo de civilização, natureza de cultura, tinha que ser respeitada incondicionalmente. Qualquer sinal de aculturação era reprimido, enquanto os nativos estivessem em exibição (CORBEY, 1993: 344).

Nas feiras eram reproduzidos em menor escala os *habitats* dos povos a serem exibidos, os quais ali viviam por meses a fio, enquanto durasse o evento. Muitas daquelas pessoas vinham de locais distantes e, tiradas de seu *habitat* natural, em contato com climas e doenças diferentes, com o cansaço de serem exibidas nas exposições e com o fato de estarem longe de suas casas e dos seus, além de, obviamente, nunca

instalados em condições ideais, adoeciam e morriam durante os meses das feiras. Tal fato, inclusive, já era sabido e até mesmo esperado pelos numerosos organizadores dos eventos. Eram expostos, fotografados, comparados, em troca de pouco pagamento e, muitas vezes, nem sobreviviam. Sua presença ao vivo e seus retratos eram explorados para estudos, curiosidade e diversão. Seus cadáveres eram disputados por escolas de medicina, museus e coleções.

As exposições traziam consigo o discurso da educação e respeito por aqueles “outros” e suas culturas, mas tinham a ver com o intuito de dar crédito e legitimar teorias racistas em voga desde fins do século XVIII, as quais exploravam escalas evolutivas e colocavam índios, negros, mestiços, “exóticos” e “bizarros” em geral no início da linha de evolução. Como curiosidade e sentimento de superioridade caminhavam lado a lado, para o público que frequentava as feiras, com toda aquela diversidade e alteridade em contraste, a ida aos eventos era um interessante meio de entretenimento, informação e auto-afirmação. Definir a identidade do “outro” ajudava a delinear a própria identidade. Por fim, a exploração do “mito do selvagem”, do “primitivo”, através daqueles zôos humanos, daria realidade ao discurso racial do período e ajudaria a *justificar* e a *desculpar* o imperialismo do branco de ascendência europeia sobre os demais povos e culturas.

#### COLECIONANDO O RETRATO DO “OUTRO”

A fotografia era encarada como consumismo, colecionismo, modismo, mas também como uma possibilidade de *representação de si* e do *outro*, devido ao crédito logo dado ao meio como *traçado da realidade*. Dessa forma, a fotografia viera auxiliar diversas áreas de estudo e pesquisa, como uma forma de torná-las visíveis, dar-lhes as *evidências* necessárias. Como meio “fiel” de representação, logo foi explorada pela arqueologia, pela medicina, pela criminalística, pela antropologia etc. A exploração antropométrica através da fotografia iniciara-se no fim da década de 1840, sob a forma do daguerreótipo.

O novo meio informava, detalhava, reafirmava, podia ajudar a contestar, ou mesmo a “destruir” argumentos, ou ainda a “prová-los”. Se,

por um lado, a câmera registrava uma determinada cena (ou um detalhe de uma cena) que não se desejava que fosse perdida, por outro lado, ela isolava os sujeitos, dando margem a novas interpretações da parte do observador. Para os antropólogos, aquela seria uma forma mais dinâmica de registrar as diferentes culturas (seus habitantes e hábitos) antes que elas “se extinguissem”. Tais registros foram feitos tanto nas grandes feiras universais, quanto em expedições organizadas às diversas regiões do planeta. Já os fotógrafos viajantes tinham a intenção de satisfazer o crescente gosto do público pelo comércio de “bens exóticos” no período; dessa forma, muitas fotos foram parar nas mãos de curiosos e enviadas a amigos distantes na forma de postais, ou adicionadas a outros objetos dos *gabinetes de curiosidades* dos adeptos do colecionismo. Vários daqueles registros, no entanto, foram usados como base de dados, material para sustentação das teorias racistas em questão.

Alguns autores argumentaram que o constrangimento causado pela situação de ser fotografado, com a pose orquestrada pelo fotógrafo, mostra as pessoas posando apenas como *modelos*, sem poder de participação ou intervenção. No entanto, foi apenas quando os colonizados começaram a ser desenhados, pintados e, sobretudo, *fotografados* que a sua capacidade de resistência foi notada, que a eles também foi dada a oportunidade de *auto-representação*. Em tais fotos, percebemos diferentes níveis de participação, pois o nível de participação irá depender do tipo de registro (um retrato com um grande grupo em estúdio ou ao ar livre, ou um retrato individual, de corpo inteiro ou de busto), *do modelo*, de sua capacidade de *se mostrar*, mas também *do fotógrafo*. Dependendo do fotógrafo que registrava a cena, e dependendo da finalidade já definida que o registro teria (um trabalho a ser vendido como *souvenir*, ou um trabalho a ser usado como base de dados para estudos), aquele poderia permitir, facilitar, estimular, ou mesmo tentar limitar ao modelo a sua habilidade de se comunicar, de participar como co-autor do (seu) retrato (KOUTSOUKOS, 2006).

Nas fotos de cada grupo exibido eram explorados itens de sua cultura e características físicas, mas de uma forma que atestaria e daria as evidências necessárias do que se denominava como “primitivismo”. Enquanto olhadas como *documentos históricos*, podemos tentar perceber as estratégias e os níveis de participação de cada sujeito na produção daqueles que

também poderiam ter sido considerados *retratos pessoais* daqueles grupos.

#### ESTUDO DE CASO: NA *MIDWAY* DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE CHICAGO DE 1893, A VILA DAHOMEY

Entre maio e outubro de 1893, na cidade de Chicago (EUA), aconteceu a Exposição Universal conhecida como *World's Columbian Exposition*, que celebrou os 400 anos da descoberta da América por Colombo. Chicago lutara para conseguir o direito de ser a anfitriã da feira. Nova Iorque e St. Louis estiveram na concorrência, mas Chicago representava, naquele fim de século, a *reconstrução* e o *futuro*. *Reconstrução* pois era uma cidade em crescimento, estava se reerguendo após um devastador incêndio ocorrido em 1871; *futuro* pois se transformava, em pouco tempo, em uma cidade de negócios, com suas fábricas, seus arranha-céus, suas novas oportunidades, atraindo muita gente, que para lá ia trabalhar e construir a sua própria vida – o típico *american dream*, que seria a motivação (o *motto*) e o alvo do país no decorrer do século que se aproximava. O campo da feira foi dividido em dois, bem distintos: a *cidade branca* (chamada *The White City*) e a *Midway Plaisance*. Na cidade branca estavam situados os numerosos prédios brancos suntuosos e reluzentes que abrigavam exposições dos diversos países ditos civilizados e expunham seus avanços em tecnologia, indústria, ciências, cultura e artes. Na *Midway*, construída como um apêndice da grande feira, eram exibidos os “outros” (LARSON, 2003).

As atrações da *Midway*, com seus estereótipos raciais e culturais ressaltados, [2] serviam a propósitos educacionais e científicos – como exemplos de diferentes níveis de civilização, que iria do quase civilizado ao selvagem – e como entretenimento para o público, que ali consumia comidas e bebidas típicas de outras culturas, assistia a *shows* de dançarinas exóticas (egípcias, árabes e argelinas), *shows* de *freaks* (pessoas com deficiências ou particularidades especiais, exibidas como se estivessem em pequenos circos), apresentações de habilidade com o laço, o chicote e os cães de esquimós (vestidos a caráter, com suas peles, nos meses mais quentes de Chicago), observavam árabes passeando com seus camelos, entre outras várias atrações. Por fim, e por último, o público se deparava com uma pequena vila formada por casinhas construídas com madeira tosca, bambus e palha e com um povo

2 – Os displays da feira de Chicago foram organizados pelo antropólogo Franz Boas. Sobre o assunto: COLE, Josh, “Cultural and racial stereotypes on the Midway”, no site <http://www.eiu.edu/~historia/archives/2007/cole.pdf>, p. 12, acessado em dezembro de 2007.

Figura 1



**A vila Dahomey** (Fonte: Foto de Charles Dudley Arnold (fotógrafo oficial da Exposição Universal de Chicago de 1893); reproduzida do acervo da Special Collections and Preservation Division da Chicago Public Library, Chicago, IL, EUA. Volume III, # 95)

típico africano - os Dahomeyans [FIG. 1] - originais da região atualmente ocupada por Togo e Benin, relegados à *Midway*, local de comidas, *souvenirs* e diversão; relegados ao *status* de “curiosidades” na zona de entretenimento. As exposições universais exibiam os territórios colonizados e subordinados - assim como sua cultura pouco ou nada industrializada; exibindo tanto sua gente, quanto seus artefatos, ofereciam o contraste ideal para que os mais industrializados se destacassem. O “exótico”, o diferente era transformado em espetáculo. Assim, as feiras ofereciam espaço para que aqueles “estudos de caso” fossem exibidos, estudados e analisados ao vivo. Vejamos o seguinte comentário:

Como se fosse para envergonhar o negro, os Dahomeyans estão aqui também para exibir o negro

como selvagem repulsivo... A degradação que a vila Dahomeyan trouxe para a sua própria raça se expandiu para degradar todas as pessoas de cor (DOUGLASS em RYDELL, 1999: 7-16).

O pequeno texto acima foi escrito pelo ex-escravo e líder negro afro-americano, Frederick Douglass. O texto do líder negro mostra a revolta e o sentimento de injustiça racial e cultural sentido pelos afro-americanos quando exposições daquele tipo eram organizadas. Pessoas de sua mesma raça, com a pele tão escura quanto a deles, eram exibidas como se fizessem parte do início de uma imaginária linha de evolução humana (MAXWELL, 1999: 20). A cidade branca e a *Midway*, em contraste diante do espectador/visitante, “dramatizava” a linha de evolução humana, que iria do branco superior ao negro selvagem primitivo. [3] Ali era encenado o Darwinismo social, uma “adaptação” racista da teoria evolucionista de Charles Darwin (exposta em *A origem das espécies*, de 1859). As interpretações que cientistas e pensadores faziam das teorias darwinistas de mutação e seleção natural davam suporte para que se seguisse com os crescentes interesses imperialistas, afirmando que as diversas raças não haviam evoluído de forma diferente (de acordo com circunstâncias e material genético, como afirmava Darwin), mas que se encontravam num estágio *inferior* de desenvolvimento; dessa forma, defendendo que para aquelas sociedades “primitivas” não haveria possibilidade de desenvolvimento, a não ser que fossem *resgatadas* pelas sociedades mais desenvolvidas.

Segundo observou Anne Maxwell, o público que comparecia às feiras era levado a entender a divisão do mundo em duas categorias: os que eram brancos, bonitos e destinados a sobreviver, e os que eram coloridos, feios e destinados a desaparecer (MAXWELL, 1999: 82). Entretanto, nas feiras, o evolucionismo tinha que ser apresentado de forma que prendesse o interesse do público, que o entretivesse e não o aborrecesse com muita abstração científica; a ‘narrativa’ apresentada tinha que ser bastante clara, daí a importância da diversidade de atrações exibidas na *Midway*, com *shows* de dançarinas exóticas, comidas típicas etc. chegando aos zôos humanos das exposições etnográficas e seus numerosos gru-

3 – Stephen Jay Gould explicou que, naquele momento, na escala de evolução, os indígenas foram colocados abaixo dos brancos, e os negros abaixo de todos. Gould acrescentou que havia, à época, dois grupos de pensadores que sustentavam a teoria da inferioridade dos negros: os hard-liners (literalmente, os “linha-dura”) e os soft-liners (os moderados). Os primeiros usavam o suposto status biológico inferior dos negros para justificar escravidão e colonização; os segundos “aceitavam” que os negros eram inferiores, mas ressaltavam que o direito de um grupo à liberdade não dependia de seu nível de inteligência. GOULD, Stephen Jay, *The mismeasure of man. Nova Iorque: Norton, 1996, pp. 30-35.*

pos. Não foi à toa que os Dahomeyans haviam sido colocados no ‘rabinho’ da feira. A mensagem era suficientemente clara: eles estavam ali encenando o seu papel como sendo o povo mais primitivo da exibição. O público comparecia à feira e se maravilhava com os imensos prédios brancos e reluzentes da “Cidade Branca”; impressionava-se com o progresso e a cultura expostos. Quando cansava e/ou sentia fome, o público procurava a zona de entretenimento, como que para recarregar suas baterias, e ali se alimentava, se entusiasmava (no caso de muitos dos homens) com os shows exóticos, e, com curiosidade ou até um pouco de medo, adentrava às vilas etnográficas.

Consta que o grupo Dahomeyan causou medo em muita gente, quando exposto na feira de Chicago, pois a fama de sua antiga prática antropofágica era sabida, e bem explorada pelos divulgadores da feira, mas isso não impediu (talvez tenha até mesmo ajudado) que a exibição tivesse extraordinário público disposto a pagar os 25 centavos da entrada (BOLOTIN, LAING, 2002: 107). Afinal, enquanto ali exibido, estava implícito um mudo acordo de relações e bom comportamento. Os visitantes, apesar de possivelmente temerem o grupo, sabiam que não seriam por ele “atacados” e/ou “devorados”.

Os Dahomeyans já haviam sido exibidos em 1889, na exposição universal que aconteceu em Paris. Anne Maxwell esclareceu que os Dahomeyans pareceram, no ano de 1889, particularmente “patéticos” à audiência da feira. Sua semi-nudez e seu estado “primitivo” fez com que a conquista de seu território parecesse *inevitável*, “explicando” porquê aquele povo precisava ser *resgatado*. Em 1890, a resistência dos Dahomeyans perante as tropas francesas estacionadas na África transformou os “coitados” Dahomeyans em “selvagens sedentos por sangue”, para a opinião pública ocidentalizada. Assim, na *imagem* divulgada, o povo Dahomeyan passou rapidamente de “coitadinho primitivo” para “selvagem sanguinário”. Em 1893, já conquistados, a imagem explorada passou a ser a força física daquele povo e, novamente, o seu “primitivismo” e “selvageria” (MAXWELL, 1999: 20).

Em contraste com o resto da feira, mesmo com várias das outras atrações da própria *Midway*, ficava evidente a humilhação à qual aquele

grupo estava exposto. Porém, o fato é que tais exposições, chamadas de *sideshows*, eram o chamariz essencial para atrair o grande público para as exposições. As pessoas não queriam mais apenas ouvir falar e ler sobre locais e pessoas “exóticas” e hábitos diferentes, queriam poder ver tudo isso ao vivo e a cores. Era a curiosidade pelo “outro”, pela *Midway*, o que mais as atraía às feiras. Consta que o exotismo comercializado dos *sideshows* dava um lucro extraordinário e, no caso da feira de Chicago, ajudou em muito a salvar da bancarrota os investimentos feitos na montagem da exposição como um todo (RYDELL, FINDLING, PELLE, 2000: 38-39).

No entanto, da mesma forma como *eram olhadas*, as pessoas exibidas nos *sideshows* também *olhavam o outro*. Olhavam aquele “outro” branco, vestido com roupas ocidentalizadas, muitas vezes de situação social abastada. Depois de algum tempo apresentando suas danças típicas, música, linguagem e habilidades com instrumentos de caça, sendo expostos, fotografados, apontados, olhados com espanto e até horror, os Dahomeyans se cansaram do lugar de “povo mais primitivo” em exposição. Um dia, a feira foi aberta e os Dahomeyans haviam colocado uma placa na frente da sua vila, pedindo educadamente ao público que paras-se de fazer perguntas sobre canibalismo, pois tais perguntas os aborreciam (MAXWELL, 1999: 80-81).

As imagens da feira de Chicago, divididas em vistas geral das construções, vistas com espectadores passeando, vistas de aspectos particulares das vilas etnográficas e poses de estúdio, foram montadas em álbuns (que acabaram enviados para algumas instituições) e, sobretudo, vendidas por unidade ao público, a título de *souvenir*. Na imagem [FIG. 2] temos um grupo de guerreiros Dahomeyans posando vestidos com suas roupas do dia-a-dia, no campo da feira em frente às suas cabanas. Na imagem, [FIG. 3] o grupo posou em estúdio. Nessa foto, são apresentadas a indumentária (alguns com peles de animais e torços nus) e os instrumentos rudimentares de caça e confronto. As encenações de destreza com os instrumentos, e os gritos e chamados de guerra, eram apresentados ao público em horários determinados. A pose foi orquestrada pelo fotógrafo e mantida até que ele fizesse o registro. Notar as mulheres

4 – Não posso deixar de mencionar o trabalho de Erik Larson sobre a feira de 1893 de Chicago. Escrito na forma de romance, mas baseado em vasto trabalho de pesquisa, o livro de Larson conta tanto a história da montagem e desenrolar da feira, chefiada pelo arquiteto Daniel H. Burham, quanto a incrível história de um dos maiores serial killers dos EUA, um médico auto-denominado H.H.Holmes, responsável pela morte de quase 30 pessoas durante os anos da construção e desenrolar da feira. Holmes construiu um hotel numa rua bem próxima à Midway, visando atrair hóspedes/viajantes em visita à Exposição. Alguns daqueles hóspedes acabaram vítimas do médico louco, esquartejados e cremados no porão do hotel. Sobre o assunto: LARSON, Erik, *The Devil in the White City. Murder, magic and madness at the fair that changed America*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2003.

Figura 2



**O grupo dos Dahomeyans posando no site da feira** (Fonte: Foto de Charles Dudley Arnold; reproduzida do acervo da Special Collections and Preservation Division da Chicago Public Library, Chicago, IL, EUA. Vol.III, # 96)

Dahomeyans, que eram também vistas como verdadeiras *amazonas* no imaginário do branco ocidental: fortes, corajosas e guerreiras, mesmo quando prenhes.

A World's Columbian Exposition durou 6 meses e teve quase 28 milhões de visitantes, num período no qual a população total dos EUA era de 65 milhões. Em alguns dias a feira teve 700.000 visitantes. Junto a uma dedicada equipe, o arquiteto Daniel H. Burham [4] construiu uma cidade de sonho, toda em branco, cercada por águas que refletiam o seu brilho reluzente; mas com um apêndice que exibia a crua realidade dos "outros". Um apêndice não tão sonho, não tão branco, mas bastante transparente e reluzente para quem conseguisse vê-lo e entendê-lo.

#### ÍCONES À POSTERIDADE

O enquadramento e o registro da *imagem do outro* é uma forma de

Figura 3



O grupo Dahomey posando em estúdio montado na feira, com seus instrumentos de caça e confronto (a “grama” no chão do estúdio deve ter sido ali colocada como uma tentativa de conectar o grupo a um item de cenário que seria de seu *habitat* natural, mas que nem cobre todo o espaço da cena enquadrada) (Fonte: Foto de Charles Dudley Arnold, Chicago, 1893; reproduzida do acervo da Special Collections and Preservation Division da Chicago Public Library, Chicago, IL, EUA. Vol. X, # 70)

delinear a própria identidade. As exposições de gente ao vivo, [FIG. 4] os zôos humanos, deram permissão aos povos que as organizavam, ou que a elas compareciam, a se sentirem culturalmente superiores – a hegemonia cultural do branco, fosse ele da classe mais abastada, ou da menos favorecida. Tal sentimento ajudou a legitimar a violência/exploração racial e o imperialismo. O público que comparecia às exposições identificava os povos exibidos como primitivos e passíveis de conquista pelo branco ocidental civilizado; como se aquelas raças ditas “inferiores” tivessem apenas a ganhar com a conquista, em termos de cultura, religião, indústria, tecnologia e ciências. [5] Num período no qual poucas pessoas viajavam, as exposições e suas imagens ganharam o *status* de *evidências* do que acontecia nas regiões mais distantes e “exóticas”. Era quase como

5 – As diferentes nações exibiam seus avanços em termos de artes, cultura, ciência, tecnologia e indústria, mas também realizavam importantes relações comerciais e de negócios, assim como travar trocas em termos de progresso no campo das diferentes ciências e relações inter-culturais. A ideia não era só a de se exibir e se promover, mas a de aproveitar aquela grande oportunidade para travar novas relações e fechar negócios, segundo os melhores interesses das diferentes partes. Já para o público que comparecia às exposições aquela não era uma viagem barata. Para muitos aquela era a “viagem da vida”, aquela que seria lembrada e contada para sempre. Eles tinham que arcar com os custos de passagens, hotel para vários dias, alimentação, entradas e souvenirs. Os souvenirs, sobretudo na forma de fotografia – muitas fartamente vendidas nas feiras – ajudariam muito a manter aquela

viagem na memória. Por outro lado, mesmo sendo dispendiosas, as grandes exposições universais eram populares, pois não exigiam que o visitante tivesse um nível cultural determinado. Para lá o visitante ia para se instruir e se divertir.

uma volta ao mundo em poucos dias de visita. Para os expositores, tais exposições eram uma máquina de fazer dinheiro, montadas com o aval das autoridades locais, com o apoio de cientistas e estudiosos, e com o bom atendimento do público (BOGDAN, 1988: 177). Aos organizadores das feiras, aos cientistas, aos homens de letras e ao público não ocorreu (ou será que sim?) que, ali, o *ato selvagem* era praticado por eles, que expunham o *outro*, o mediano, classificavam, apontavam, olhavam, colecionavam. No início, as exposições de gente ajudaram a sustentar a instituição da escravidão e o imperialismo. Mais tarde, continuaram sustentando atitudes racistas de exclusão, injustiças e tratamentos desiguais dos povos não-brancos.

Os grupos selecionados, exibidos e retratados eram escolhidos

com cuidado, e todos representavam, através do ressaltado “primitivismo”, alguma espécie de medo ou tabu ocidental. Os Dahomeyans eram os temidos antropófagos, os selvagens sanguinários, representados empunhando suas armas de combate. Mesmo lidando com estereótipos coloniais, muitos fotógrafos produziram registros nos quais os colonizados *se mostram*, exibem *sua força de resistência*, *se dão a ver* e posam não apenas como modelos, mas como agentes participantes das (suas) fotos, expondo suas particularidades físicas, sua cultura, sua dignidade, sua identidade e (por quê não dizer?) uma parte da sua história. É interessante pensar que das pessoas que tiraram aquelas fotos, e das outras que olharam aquelas pessoas enquanto exibidas nas suas “vitrines vivas”, não temos fotos. Porém, graças também a elas, as imagens das pessoas exibidas chegaram até nós, mais uma vez “exibindo-as” à curiosidade e ao estudo, mas também dando-lhes o merecido *status* de *ícones* à posteridade.

Figura 4



Mãe e filhos Dahomey posando em estúdio montado na feira (Fonte: Foto de Charles Dudley Arnold; reproduzida do acervo da Special Collections and Preservation Division da Chicago Public Library, Chicago, IL, EUA. Vol. X, # 69)

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BANCEL, Nicolas, BLANCHARD, Pascal, BOËTSCH, Gilles et al., *Zoos Humains. Au Temps des Exhibitions Humaines*. Paris : La Découverte, 2004.

BOGDAN, Robert, *Freak show. Presenting Human Oddities for Amusement and Profit*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1988.

COLE, Josh, “Cultural and racial stereotypes on the Midway”, no site <http://www.eiu.edu/~historia/archives/2007/cole.pdf>, acessado em dezembro de 2007.

CORBET, Raymond, “Ethnographic showcases, 1870-1930”, em *Cultural Anthropology*, volume 8, n. 3, agosto de 1993, pp. 338-369.

GOULD, Stephen Jay, *The Mismeasure of Man*. Nova York: Norton, 1996.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. “No estúdio do fotógrafo. Representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX”. Tese de Doutorado em Multimeios, Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2006.

LARSON, Erik, *The Devil in the White City: Murder, Magic, and Madness at the Fair that Changed America*. Nova York: Crown Publishers, 2003.

MAXWELL, Anne, *Colonial Photography & Exhibitions. Representations of the ‘Native’ and the Making of European Identities*. Londres e Nova York: Leicester University Press, 1999.

RYDELL, Robert W. (editor), “The reason why colored american is not in the Worl’s Columbian Exposition: the afro-american’s contribution to Columbian literature”. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 1999, pp. 7-16.

RYDELL, Robert W, FINDLING, John E. e PELLE, Kimberly D., *Fair America: World’s Fairs in the United States*. Washington: Smithsonian Institution Press, 2000.